

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



AS MULHERES E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Women and interreligious dialogue

Angelica Tostes Thomaz

Resumo

Esse artigo tem o objetivo de questionar qual é o papel das mulheres na temática do diálogo inter-religioso apresentando mulheres e grupos de mulheres, do passado e do presente, que se dedicaram e se dedicam para a construção de uma prática ecumênica e para o diálogo inter-religioso. A presença das mulheres no diálogo inter-religioso é silenciada, por isso é de grande importância lembrar e dar voz a essas mulheres que se envolveram e se dedicaram a prática.

Palavras-chave: Mulheres. Diálogo Inter-religioso. Ecumenismo.

Abstract

This article aims to question the role of women in the theme of interreligious dialogue through present women and groups of women, both past and present, who have dedicated themselves and are dedicated to the construction of an ecumenical practice and to the interreligious dialogue. The presence of women in interreligious dialogue is silenced, so there is great importance to remember and give voice to those women who have become involved and dedicated to ecumenical practice.

Keywords: Women. Interreligious dialogue. Ecumenism.

Considerações Iniciais

Pelas aparências, o diálogo inter-religioso é conduzido por homens e pelos homens. As grandes imagens dos encontros são homens, líderes religiosos, com suas vestes litúrgicas, propagando solidariedade e respeito das diferentes crenças. Isso também acontece no mundo acadêmico e teológico: as grandes publicações, volumes, artigos, são

predominantemente masculinos. Mas, como destaca a teóloga Catherine Cornille, não é nada surpreendente. Pois, de longe a liderança da maioria das religiões continua sendo predominantemente masculina, portanto, é esperado que as mulheres estejam ausentes ou sub-representadas nos oficiais diálogos inter-religiosos¹.

Embora a religião seja em grande parte patriarcal (lideranças, rituais, teologias, tudo centralizado na figura masculina) são as mulheres que preservam a tradição no papel que “restou” para elas: no lar. Essa imagem de “mulher do lar” tem se tornado distante pela (tentativa) emancipação da mulher, porém, no campo religioso os avanços são mais difíceis. E então, como a mulher tem a voz na vida religiosa? E qual o papel dela na criação de uma religião mais ecumênica e mais dialogal?

E como a teologia feminista pode contribuir para diálogo inter-religioso entre mulheres? Primeiramente é “promovendo a plenitude da humanidade da mulher.”² A mulher não é vista como um ser humano pleno, muito menos como a imagem e semelhança do Deus judaico-cristão. Logo, não pode ser a representação da divindade na terra. Então, Ruether propõe um “princípio profético” contra a forma patriarcal e subjugadora da mulher. O princípio profético não é algo marginalizado na Bíblia, mas sim algo que é um ponto central na fé bíblica. A denuncia das injustiças da fé e a renovação da visão³. Ao recuperar a plenitude da mulher no espaço religioso ela ganha uma nova força e voz nas estruturas patriarcais. E não apenas no cristianismo e judaísmo, mas também oferece elementos para a quebra de diversos patriarcalismos institucionalizados pelas religiões. Para ela, “a teologia feminista é um discurso global e inter-religioso.”⁴

O feminismo serve como ponte nas relações entre mulheres de diversas religiões. Pois, nenhuma mulher é plenamente livre até todas as mulheres serem livres. A opressão das religiões é algo a ser criticado e transformado. Não devemos deixar que a espiritualidade feminina morra por causa do patriarcalismo dominador. Mesmo as mulheres não sendo as grandes porta-vozes do diálogo inter-religioso no mundo “público”, muitas mulheres estão na atividade de promover o diálogo e a colaboração entre as religiões de diversas formas.

¹ CORNILLE, Catherine; MAXEY, Jillian. *Women and Interreligious Dialogue*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2013, p. 1.

² RUETHER, Rosemary R. Women and Interfaith Relations: Toward a Transnational Feminism. In: CORNILLE, Catherine; MAXEY, Jillian. *Women and Interreligious Dialogue*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2013, p. 12.

³ RUETHER, 2013, p. 12.

⁴ RUETHER, 2013, p. 11.

Criando grupos de estudos ecumênicos, ocupando os espaços acadêmicos, compartilhando sua fé e luta diária. Para a introdução da temática cito essas mulheres que se dedicaram, e se dedicam, ao diálogo inter-religioso e sua ação prática. São mulheres que inspiram a luta diária.

Mulheres no diálogo

Elisabeth Schmitz (1893-1977)

A primeira mulher que quero ressaltar aqui é a pastora protestante Elisabeth Schmitz (1893-1977). Ela foi ignorada durante muito tempo e recentemente foi resgatada desse silêncio histórico. Schmitz rejeitou o antissemitismo e trabalhou arduamente para o seu fim, o que comprometeu toda sua trajetória. Entre 1923 e 1938 ela trabalhou como professora de literatura alemã, história e ensino religioso em Berlim. Ela estudou sob a supervisão de Adolf von Harnack, grande figura da teologia liberal, e sua dissertação foi orientada pelo renomado historiador Friedrich Meinecke, em Berlim. Em 1920, ela participou do seminário privado de Harnack e se tornou grande amiga de sua filha, Elisabet. Seu filosemitismo veio de seu reconhecimento de que o Judaísmo era essencial para a fundação do Cristianismo, e por essa razão, se por nenhuma outra, os judeus precisavam de respeito e proteção⁵. Em 1934 ela se juntou ao Confessing Church e se comprometeu a ajudar os judeus perseguidos. Nesse ano iniciou trocas de cartas com o teólogo suíço Karl Barth. Ela pedia para que ele denunciasse o que estava acontecendo com os judeus e se posicionar contra o nazismo⁶. Em 1935, ela escreveu um memorando sobre o que estava se passando com os judeus na Alemanha. Descreveu os ocorridos e constrangeu a Igreja Cristã a se posicionar contra esse tipo de atrocidade. Ela demonstrou como o antissemitismo foi institucionalizado e socializado, envolvendo a todas as esferas da vida: educação, religião, política e relações pessoais⁷. Ela escreveu:

Nos últimos dois anos e meio uma perseguição severa tem infligido numa porção de nosso povo por causa da sua raça de origem, incluindo uma parcela da nossa própria paróquia. As vítimas dessa perseguição têm sofrido uma aflição terrível,

⁵ BARTROP, Paul R. *Resisting the Holocaust: Upstanders, Partisans and Survivors*. Santa Barbara: ABC-CLIO, LCC, 2016, p. 248.

⁶ BARTROP, 2016, p. 249.

⁷ BARTROP, 2016, p. 249.

exteriormente e interiormente, mas isso não é amplamente conhecido, o que torna a culpa do povo alemão o mais repreensível⁸.

Por décadas ela foi uma heroína esquecida. Ela apenas foi redescoberta nos últimos 15 anos pelo historiador Manfred Galius, que publicou sua biografia em 2010. Em 2011, ela foi postumamente honrada como “Justa entre as nações” pelo Jerusalem Holocaust Memorial “Yad Vashem”⁹.

Gertrud Luckner (1900-1995)

Gertrud Luckner nasceu em Liverpool, Inglaterra, em 1900. Seus pais eram alemães e então, ela viveu desde sua infância na Alemanha. Estudou economia com especialização em bem-estar social nas universidades Königsberg, Birmingham, Inglaterra (na faculdade Quaker para o trabalho religioso e social), Frankfurt e Freiburg. Em Freiburg, que obteve seu doutorado, em 1938. Se aprofundou nos desempregados do Reino Unido. Fez trabalhos voluntários como capelã nas favelas de Birmingham e, segundo ela, foi lá que conheceu o preconceito, racismo e antissemitismo¹⁰.

Luckner se interessou precocemente pelo bem-estar social e pela solidariedade internacional, e esse interesse durou todos os anos de sua vida. Ela se tornou membro do Movimento Alemão dos Católicos pela Paz, fundado em 1919¹¹. Desde 1933, se envolveu com a organização católica chamada Cáritas, em Freiburg. E após o início da Segunda Guerra Mundial, Luckner organizou o Kirchliche Kriegshilfsstelle (Escritório para o Alívio da guerra religiosa) no seio da Associação Cáritas. Conforme a guerra foi avançando, a organização foi tomando força e tornou-se um instrumento dos católicos de Freiburg para ajudar os “não-arianos”, que incluía judeus e cristãos¹².

Sua religião era o ecumenismo. E no período em que ela falava sobre, o ecumenismo não era um programa sancionado pelas autoridades eclesásticas. Para ela era o método vital para se chegar de uma pessoa para outra “von Mensch

⁸ BARTROP, 2016, p. 249. (Tradução nossa)

⁹ PANGRITZ, Andreas. Dietrich Bonhoeffer and the Jews in the context. In: MAWSON, Michael; ZIEGLER, Philip G. (Orgs.). *Christ, Church and World: New Studies in Bonhoeffer's Theology and Ethics*. New York: Bloomsbury Publishing, 2016, p. 162.

¹⁰ FETUCHOWSKI, Elizabeth. *Ministers of Compassion during the Nazi Period: Gertrud Luckner and Raoul Wallenberg*. Edited by Lawrence E. Frizzell. South Orange, NJ: The Institute of Judaeo-Christian Studies, 1999, p. 9.

¹¹ FETUCHOWSKI, 1999, p. 8.

¹² YAD VASHEM - The World Holocaust Remembrance Center. Disponível em: <<http://www.yadvashem.org/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

zu Mensch,” expressão favorita de Luckner, a qual ela trabalhou magicamente. A crença de Gertrude Luckner estava tão enraizada que ela não precisava de nenhuma alusão específica – considerando quantas questões práticas ocuparam sua atenção¹³.

Luckner foi a voz profética de seu tempo. Não só a voz como as mãos! Ela foi a força motriz por trás deste esforço de ajudar os perseguidos do nazismo, usando o dinheiro que ela recebeu do arcebispo para contrabandear judeus ao longo da fronteira da Suíça e para passar mensagens da comunidade judaica dos acontecimentos.

Em 5 de novembro de 1943, ela foi presa em um trem pela Gestapo e levada ao campo de concentração de Ravensbrück. Ela passou dezenove meses lá, até que houve a libertação do campo em 03 de maio de 1945. Após a guerra, Luckner dedicou-se à causa da construção de pontes entre judeus e cristãos. A convite do rabino Leo Baeck, o qual manteve contato nos últimos anos da perseguição, ela visitou Israel em 1951, um dos primeiros alemães a fazê-lo. Em 15 de fevereiro de 1966, Yad Vashem decidiu reconhecer Gertrud Luckner como “Justa entre as nações”.

Daughters of Abraham – Women’s Interfaith Book Groups

Ressalto aqui um grupo de mulheres chamadas Daughters of Abraham – Women’s Interfaith Book Groups (Filhas de Abraão – Grupo de livro das mulheres inter-religiosas). Nesse grupo, mulheres judias, cristãs e muçulmanas se encontram para aprofundar o conhecimento próprio e os conhecimentos nas outras tradições. Através de livros que ensinam mais sobre as outras crenças, aprendem sobre as práticas das respectivas religiões e tem o objetivo de aumentar o respeito das religiões abraamicas. E além disso, estão comprometidas umas com as outras construindo relacionamentos entre elas. São pequenos grupos como este onde as mulheres encontram o espaço na vida do diálogo inter-religioso.

Catherine Cornille

Catherine estudou na Catholic University of Leuven, onde se graduou em Teologia e obteve seu Ph.D em Estudos Religiosos (Religious Studies). Fez o mestrado na mesma temática na University of Hawaii. É mãe de três filhos e leciona na Boston College, uma Universidade Jesuíta, desde 2000.

¹³ FETUCHOWSKI, 1999, p. 9. (Tradução nossa)

Seus interesses de pesquisa são variados: Teologia das religiões; Teologia comparada; Diálogo entre Hinduísmo e Cristianismo; Diálogo entre Budismo e Cristianismo; Múltiplas pertencas religiosas. Trabalha bastante na teoria sobre o diálogo inter-religioso e o fenômeno de inculturação e interculturação teológica. Leciona sobre essas temáticas e também sobre: Diálogo e apologética, mulheres nas religiões do mundo, religião e globalização, teologia comparativa e religiões pluralistas e a fé cristã.

De 2008-2012, Cornille organizou o Boston College Symposia on Interreligious Dialogue, onde muitos acadêmicos de diferentes religiões e de várias partes do mundo puderam estar juntos com um único foco: as questões fundamentais no diálogo inter-religioso. Ela também publicou diversos livros na temática do diálogo inter-religioso e também organizou uma série de livros chamada: Christian Commentaries on Non-Christian Sacred Texts (Comentários cristãos a textos sagrados não-cristãos). E entre essas publicações está uma que eu ainda irei comprar: Song Divine: Christian Commentaries on the Bhagavad Gita (Som divino: Comentários cristãos ao Bhagavad-Gita). É uma grande pesquisadora e expoente nessa área.

Chung Hyun-Kyung

Chung Hyun Kyung é uma teóloga coreana (presbiteriana) e professora de teologia ecumênica da Union Theological Seminary, nos Estados Unidos, da qual possui o Ph.D.. Ela se bacharelou e fez o mestrado na Ewha Womans University em Seoul. É mestre em Divindade (Master of Divinity) da School of Theology at Claremont.

Em 1990 ela introduziu uma teologia asiática da mulher no seu livro *Struggle to be the Sun Again* (Luta para ser tornar o Sol novamente). Nesse livro, ela interpreta o evangelho como uma mulher coreana, fala sobre a sua busca por significado na luta pela integridade da história de seu povo pela liberdade.

No ano de 1991 houve o encontro do Conselho Mundial de Igrejas (World Council of Churches). Ela discursou no encontro e foi acusada de sincretismo, por combinar os ensinamentos cristãos com elementos de outras tradições. Sua resposta para essa acusação foi digna:

Se eles me perguntam, 'Você é sincrética?', eu digo, 'Você está certo, eu sou sincrética, mas você também!' Minha resposta é que eu sei que sou sincrética, mas você não sabe que é sincrético porque você tem um poder hegemônico... Culturas

não cristãs, quanto tentam interpretar o evangelho foram da experiência deles, eles acusam de sincretismo! Mas eles só estão sendo verdadeiros a sua própria identidade, história e cultura. Sincretismo é um dado. Como alguém já disse: 'Todo o movimento cristão é um movimento sincrético'¹⁴.

A teóloga Chung Hyun Kyung é identificada com a teologia Minjung.

A 'Teologia Minjung' é uma 'teologia em solidariedade com o Minjung' ou uma 'teologia do Minjung'. O termo sino-coreano de difícil tradução poderia ser traduzido em termos coloquiais como 'povo/povão/plebe'. Ao usar esse termo a Teologia Minjung, entretanto, não pensa em um grupo específico de pessoas, mas na exclusão social na qual pobres se encontram com maior frequência que ricos e poderosos. Em determinadas circunstâncias uma pessoa pode ser considerada minjung num aspecto, e em outros, não. Quem estiver marginalizado em termos políticos, econômicos, culturais, morais ou religiosos faz parte do minjung naquele aspecto específico¹⁵.

É nesse contexto teológico que a nossa teóloga faz parte. Seu discurso desafia os valores Ocidentais impostos ao Terceiro Mundo. Sua pesquisa e ensino incluem teologias feministas e espiritualidade da Ásia, África e América Latina, diálogo inter-religioso entre budismo e cristianismo, revoluções para mudanças sociais como também a história de várias teologias cristãs asiáticas.

Como é uma palestrante carismática, Kyung produziu uma série de oito partes para a TV Pública Coreana chamada *The Power of Women in World Religions* (O poder das mulheres nas religiões do mundo), a qual foi uma série premiada na Coreia, além de um vídeo no TEDxWomen. Suas publicações incluem inúmeros artigos e livros, como o já citado *Struggling to be the Sun Again: Introducing Asian Women's Theology*; *In the End, Beauty Will Save Us All: A Feminist Spiritual Pilgrimage*, Vols. I and II (publicado em coreano); *Letter From The Future: The Goddess-Spell According to Hyun Kyung* (publicado em coreano).

Rosemary Radford Ruether

Rosemary Radford Ruether é um dos grandes nomes da teologia feminista. Ela nasceu em 1936, em Georgetown, no Texas. Sua mãe era católica e seu pai da Igreja Episcopal. Assim, segundo Ruether, sua formação foi desde o início, muito ecumênica, pois veio de uma família muito plural: Católico Romano, Episcopal, Ortodoxo Russo, Quaker e Judeus. Essa é a

¹⁴ ZH INTERVIEWS. *Chung Hyun Kyung*. Disponível em: <http://www.zionsherald.org/Sept2003_interview.html>. Acesso em: 30 jun. 2016. (Tradução nossa)

¹⁵ LIENEMANN-PERRIN, Christine. *Missão e diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: CEBI/EST/SINODAL, 2005, p. 102-103.

mistura na qual ela foi inserida. Além das influências religiosas, ela descreve que foi formada por um pensamento livre e humanista. Seu pai faleceu quando tinha apenas 12 anos e depois disso, Ruether e sua mãe se mudaram para a Califórnia.

Sua formação é composta de um bacharelado em Filosofia na Scripps College, em 1958, mestrado em História Antiga (1960) e Ph.D. em Clássicos e Patrística (1965), na Claremont Graduate School, na Califórnia. Atualmente ela é professora de Teologia Feminista na Claremont School of Theology e leciona em mais duas universidades nos Estados Unidos. Ela é autora de muitos livros sobre feminismo, Bíblia e Cristianismo.

No seu artigo, *Women and Interfaith Relations: Toward a Transnational Feminism*, Ruether destaca algumas mulheres que utilizaram a categoria do feminismo para (tentar) mudar e criticar suas próprias religiões em busca por uma igualdade de gênero. Esse é um importante artigo de Ruether que mostra a luta de mulheres para obterem vozes nas suas tradições. Riffat Hassan representa o islamismo e sua batalha para uma compreensão exegética igualitária e feminista dos textos do Alcorão. Judith Plaskow é a judia feminista que questiona os textos sagrados do Judaísmo e se pergunta: onde estão as mulheres na Torah? Para um budismo feminista temos Rita Gross, que diz: “O darma é tanto masculino como feminino.”¹⁶ Nas representantes das religiões de matriz africana estão as sociólogas Oyeronke Oyewumi, que trabalha com a religião Yoruba, e que conclui que não existia gênero no pré-colonialismo; e Ifi Amadiume, que alega que na África pré-colonial o matriarcalismo e patriarcalismo coexistiam e se complementavam. O Irã é representado pela Nima Nahigbi, que trabalha com a temática do colonialismo e feminismo. E por fim, a Ásia é representada por Anna Loomba e Ritty Lukose, que editaram e publicaram em 2012 um livro sobre os feminismos do Sul da Ásia (Índia, Paquistão, Sri Lanka, Kashmir e Bangladesh).

Luiza Etsuko Tomita

Luiza Etsuko Tomita, natural de São Paulo, possui graduação em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (1987), graduação em Filosofia pela Faculdades Associadas Ipiranga (1993), mestrado em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (1994), mestrado em Psicologia pela Faculdade São Marcos (1995) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São

¹⁶ GROSS, Rita M. *Buddhism After Patriarchy: A Feminist History, Analysis, and Reconstruction of Buddhism*. State University of New York: New York Press, 1993, p. 207.

Paulo (2004). Atualmente é Professora visitante da Escola Dominicana de Teologia, Professora de Teologia da Faculdade de Teologia Pio XI e professora visitante do Instituto Teológico São Paulo. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática. Atuando principalmente nos seguintes temas: movimentos populares, mulheres, Teologia Feminista, práticas do cotidiano, sexualidade e corpo¹⁷.

Sua tese de doutorado foi: *Corpo e Cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a Teologia Feminista da Libertação na América Latina* (2004). Entre outras produções bibliográficas estão: “A Teologia Feminista no Contexto de Novos Paradigmas” (1997); “A Contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o Debate do Pluralismo Religioso” (2003); “O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21 (2005); *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*” (2006); “A teologia feminista libertadora: deslocamentos epistemológicos” (2010).

Luiza Tomita, integrante da Comissão Teológica da Asett (Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo), que organizou juntamente com José Maria Vigil e Marcelo Barros, obras que valorizavam o pluralismo religioso na América Latina, como *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à teologia da libertação* (2003). Na sequência, foram publicadas outras quatro obras que, em certo sentido, aprofundam e ampliam as questões inicialmente levantadas. São elas: *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã* (2005), *Teologia latino-americana pluralista da libertação* (2006), *Teologia pluralista libertadora intercontinental* (2008) e *Por uma teologia planetária* (2011)¹⁸.

Kwok Pui Lan

Kwok Pui Lan nasceu em 1952, na cidade de Hong Kong. Ela se converteu ao anglicanismo ainda adolescente e se tornou uma teóloga feminista. Se doutorou em Harvard e recebeu diversos prêmios na área. Possui influência internacional e atua como professora de Teologia Cristã e Espiritualidade na Episcopal Divinity School, em Cambridge, Massachusetts.

¹⁷ CURRÍCULO LATTES. *Luiza Etsuko Tomita*. Atualizado em: 06 abr. 2007. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8783441369796074>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

¹⁸ RIBEIRO, Cláudio. Pluralismo e religiões: bases ecumênicas para uma teologia das religiões. *Estudos de Religião*, vol. 26, no. 42, p. 209-237, jan./jun. 2012, p. 211.

Autora e editora de diversos livros em chinês e inglês, como por exemplo, *Postcolonial Imagination and Feminist Theology* (Westminster John Knox); *Introducing Asian Feminist Theology* (Pilgrim); *Discovering the Bible in the Non-Biblical World* (Orbis Books); e *Chinese Women and Christianity, 1860–1927* (Scholars Press). Ela é editora da maior obra de referência sobre *Women and Christianity* (4 vols., Routledge), e mais recentemente, co-editora de *Postcolonial Practice of Ministry: Leadership, Liturgy, and Interfaith Engagement* (Lexington Books, 2016). Há uma obra traduzida para o português pela Editora Paulus, “Globalização, gênero e construção da paz - O futuro do diálogo interfé”. Nesse livro, Pui-lan fala sobre o conceito de polidoxia, que é um conceito que reconhece que os cristãos não têm o monopólio de Deus.

A polidoxia insiste que nenhuma teologia ou credo pode exaurir o sentido de Deus e alegar infalibilidade doutrinal [...] A polidoxia partilha a afinidade com a teologia apofática, que insiste que a natureza de Deus não pode ser plenamente descrita, e que só podemos falar a respeito do que Deus não é, em vez de sobre o que Deus é.¹⁹

A teóloga encarna sua própria teologia, que é tecida pelo corpo de mulher chinesa, cristã, feminista e pós-colonial. Entende que a teologia e hermenêutica são feitas a partir das experiências individuais e coletivas. Essa diversidade é celebrada como a integralidade da teologia, ela diz que “a mulher cristã asiática consegue responder a pergunta de Jesus ‘quem vocês dizem que eu sou?’ a partir das próprias experiências e circunstâncias.”²⁰ A integralidade da teologia se faz presente quando leva em conta a vida e dá voz às experiências dos que são vulneráveis em comparação aos poderosos. Os poderosos da teologia ainda insistem em fazer uma teologia colonial, patriarcal e ocidental e, Kwok Pui Lan, é a voz profética que vem denunciar esse tipo de atrocidade em um mundo plural e com diversas etnias.

Kwok Pui-lan representa uma forma contemporânea de fazer teologia no contexto global, incorporando sua experiência de duas etnias teológicas muito diferentes – Ocidental e Asiática, com críticas feministas e pós-coloniais. Essa integração é evidente em sua escolha de fontes teológicas e é ilustrada em sua concepção de

¹⁹ KWOK, Pui-lan. *Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 75-76.

²⁰ KWOK, Pui-lan. *Introducing Asian Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p. 97.

Cristo. Sua metodologia é histórica, dialógica e diaspórica. Sua visão de Deus é orgânica²¹.

Christine Lienemann-Perrin

Lienemann-Perrin nasceu na Suíça, é de tradição reformada. Seu doutorado e livre-docência foi Teologia com o foco em Missiologia, ambas na Universidade de Heidelberg. Christine é professora de Ecumenismo, Missiologia e Questões Interculturais Contemporâneas na Universidade de Basileia e docente de Ecumenismo na Universidade de Berna, ambas na Suíça.

Sua vasta experiência intercultural e inter-religiosa fez com que sua produção acadêmica militasse nessa visão de diálogo inter-religioso e ecumenismo, há mais de 3 décadas tem contribuído para um conhecimento profundo acerca da missão cristã e o pluralismo religioso. Uma das principais obras é seu livro intitulado “Missão e diálogo inter-religioso” (2005), que aborda diferentes e importantes aspectos do ecumenismo. “O tema desse livro são as relações externas do cristianismo. Trata-se de como ele percebe as outras religiões, se encontra com as pessoas de outras religiões e se modifica pelo contato com elas.”²² Ela aborda teologias de diversas partes do mundo, sempre em diálogo com as culturas locais. Uma excelente obra que abre caminhos para reimaginar a missão cristã protestante.

Considerações Finais

Resgatar essas mulheres é trazer novas vozes na temática do diálogo inter-religioso e ecumenismo. Esse pequeno artigo fica muito aquém de todo o trabalho das mulheres. j

Referências

BARTROP, Paul R. *Resisting the Holocaust: Upstanders, Partisans and Survivors*. Santa Barbara: ABC-CLIO, LCC, 2016.

CORNILLE, Catherine; MAXEY, Jillian. *Women and Interreligious Dialogue*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2013.

²¹ WADE, Michelle. *The Feminist, Postcolonial Asian Theology of Kwok Pui Lan*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1i4Ai_5i1rwLU2s03AUmauVm1VuyRqr56gZM7nfnl6ug/edit> Acesso em: 01 mar. 2017.

²² LIENEMANN-PERRIN, 2005, p. 10.

CURRÍCULO LATTES. *Luiza Etsuko Tomita*. Atualizado em: 06 abr. 2007. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8783441369796074>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

FETUCHOWSKI, Elizabeth. *Ministers of Compassion during the Nazi Period: Gertrud Luckner and Raoul Wallenberg*. Edited by Lawrence E. Frizzell. South Orange, NJ: The Institute of Judaean-Christian Studies, 1999.

GROSS, Rita M. *Buddhism After Patriarchy: A Feminist History, Analysis, and Reconstruction of Buddhism*. State University of New York: New York Press, 1993.

KWOK, Pui-lan. *Introducing Asian Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.

_____. *Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé*. São Paulo: Paulus, 2015.

LIENEMANN-PERRIN, Christine. *Missão e diálogo inter-religioso*. São Leopoldo: CEBI/EST/SINODAL, 2005.

PANGRITZ, Andreas. Dietrich Bonhoeffer and the Jews in the context. In: MAWSON, Michael; ZIEGLER, Philip G. (Orgs.). *Christ, Church and World: New Studies in Bonhoeffer's Theology and Ethics*. New York: Bloomsbury Publishing, 2016.

RIBEIRO, Cláudio. Pluralismo e religiões: bases ecumênicas para uma teologia das religiões. *Estudos de Religião*, vol. 26, no. 42, p. 209-237, jan./jun. 2012.

RUETHER, Rosemary R. Women and Interfaith Relations: Toward a Transnational Feminism. In: CORNILLE, Catherine; MAXEY, Jillian. *Women and Interreligious Dialogue*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2013.

WADE, Michelle. *The Feminist, Postcolonial Asian Theology of Kwok Pui Lan*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1i4Ai_5i1rwLU2s03AUmauVm1VuyRqr56gZM7nfnl6ug/edit> Acesso em: 01 mar. 2017.

YAD VASHEM - The World Holocaust Remembrance Center. Disponível em: <<http://www.yadvashem.org/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

ZH INTERVIEWS. *Chung Hyun Kyung*. Disponível em: <http://www.zionsherald.org/Sept2003_interview.html>. Acesso em: 30 jun. 2016.